

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Giane Mara da Silva Alves

**DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE ESCRITA:
ELABORANDO ESTRATÉGIAS PARA ALUNOS DO
2º CICLO**

Belo Horizonte

2012

Giane Mara da Silva Alves

**DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE ESCRITA:
ELABORANDO ESTRATÉGIAS PARA ALUNOS DO
2º CICLO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Kely Cristina Nogueira Souto

Belo Horizonte

2012

Giane Mara da Silva Alves

**DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE ESCRITA:
ELABORANDO ESTRATÉGIAS PARA ALUNOS DO
2º CICLO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.
Orientador(a): Kely Cristina Nogueira Souto

Aprovado em 07 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Kely Cristina Nogueira Souto – Faculdade de Educação da UFMG

Maria Elisa Araújo Grossi – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi proporcionar a um grupo com alunos de 10 a 12 anos, uma nova oportunidade de repensar sua escrita e, através de uma sequência didática significativa, tentar sanar suas dificuldades procurando desenvolver habilidades necessárias à etapa de escolarização em que se encontram.

Este plano de ação foi realizado em uma Escola Pública da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, onde a comunidade escolar apresenta um baixo nível de desenvolvimento social sendo essa a principal justificativa para as defasagens e o fracasso escolar desses alunos.

Durante o processo, ocorreram situações de aprendizagem em que os alunos encontraram apoio dos próprios colegas e, com isso, houve uma troca entre eles na construção e na descoberta da escrita.

Esses educandos encontravam-se um pouco apáticos diante de suas dificuldades, mas, a partir dessa nova forma de abordagem, em que os saberes do aluno são valorizados, e ele se sente inserido em um contexto que privilegia um trabalho bem estruturado sobre a escrita, ele tende, então, a refletir sobre o que escreve, buscando, de modo consciente, melhorar cada vez mais e sente-se integrado à escola e ciente de sua importância em seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: escrita, fracasso, aprendizagem.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. APRESENTAÇÃO GERAL DA ESCOLA.....	09
3. JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA.....	11
4. OBJETIVOS	14
4.1. Objetivo geral	14
4.2 Objetivos específicos	14
5. PERFIL DA TURMA	15
6. METODOLOGIA	16
7. DESENVOLVIMENTO	18
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
9.REFERÊNCIAS	35
10. ANEXOS	37

1. INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem não são problemas apenas restritos a determinadas escolas e vêm ocupando relevante papel nas discussões e pesquisas educacionais no cenário brasileiro.

As camadas populares, que são a grande maioria da população brasileira, vêm há muito tempo refletindo as consequências dos desmandos na educação e os educadores percebem que as crianças chegam cada vez mais nessa Instituição sem vivências familiares positivas, o que contribui para o fracasso delas.

SOARES,(2001, p.6) nos diz que "nossa escola tem-se mostrado incompetente para a educação das camadas populares." O que pode ser confirmado com o grande número de crianças que terminam o 1º ciclo sem ter dominado as competências básicas dessa etapa como ler, escrever, interpretar, realizar atividades de somar e subtrair.

De uma maneira geral, alguns estudos analisam o fracasso escolar com base em diferentes abordagens. São análises que interpretam fatores externos e internos à escola.

Dentre os fatores internos estão a própria organização da escola, a linguagem por ela usada e que é exigida dos alunos e a falta de preparo e competência do professor em trabalhar com essa clientela.

Dentre os fatores externos, são apontadas as desigualdades sociais, a falta de estrutura familiar e as deficiências culturais.

Do ponto de vista da escola, os fatores externos são os mais usados para explicar o fracasso escolar, pois quem defende essa corrente afirma que esses alunos, vindos de camadas populares, apresentam baixo rendimento intelectual resultante da deficiência cultural e a pobreza é, não somente econômica, mas também de vivências culturais.

Nesse panorama, a alfabetização desses alunos tem se tornado um problema social, um obstáculo de difícil superação.

De nada adiantam políticas públicas de assistencialismo, construção de prédios enormes, aparelhos de TVS, kit multimídia sofisticados, ou inovações metodológicas. É preciso se pensar e investir naquele que está na escola diariamente lidando com os alunos dos bairros pobres e sofridos da periferia. Do contrário, nenhum estudo ou teoria resolverá o problema da educação.

Ingressei na Rede Municipal de Ensino em 2000 no cargo de auxiliar de biblioteca e tive o primeiro contato com o público estudantil de uma maneira prazerosa. Nessa época, pude perceber que os alunos que tinham interesse em, frequentar a biblioteca eram aqueles que queriam alçar voos mais altos, ir além, adquirir novos conhecimentos.

Em 2005, após ter passado no concurso para professora de 1º e 2º ciclos nessa mesma rede de ensino, comecei a trabalhar com alunos do 2º ano do 2º ciclo, que tinham grande defasagem de aprendizagem. Ainda não haviam vencido as capacidades e habilidades para estarem nessa etapa, não dominavam a leitura e escrita nem mesmo de palavras com sílabas simples, não faziam operações de adição e subtração; fora, é claro, o problema de indisciplina.

No decorrer do ano, fui conhecendo-os melhor e soube que muitos deles viviam em situação de risco no bairro – fatores externos que influenciavam diretamente no aprendizado do aluno. Por mais que eu me esforçasse, esses alunos não se desenvolviam; repensei, então, meu trabalho em sala, tentei diversas maneiras de despertar neles a vontade de aprender por meio de jogos, interpretações orais, projetos com assuntos que lhes chamassem a atenção, vinculados ao conteúdo. Houve certo avanço na melhora da disciplina, que foi percebido pela comunidade escolar, mas, em relação ao conhecimento, o avanço não foi significativo.

Ao trabalhar com aquele grupo, compreendi que o papel do professor é muito maior do que eu pensava que fosse. Foi necessário, antes de tudo, conhecer, ouvir meu aluno, seus medos, suas fragilidades e necessidades. Tive de ultrapassar as paredes da escola, ser mediadora de conflitos e interesses, para então tentar

entender: por que aquela turma com alunos, com tantos anos de escolarização ainda não havia sido alfabetizados?

Hoje, trabalho com o Projeto de Intervenção Pedagógica do 2º ciclo em Língua Portuguesa e ainda percebo que o contexto em nada mudou; as mesmas dificuldades constatadas na primeira turma em que atuei são as queixas de hoje. Contudo, busco nesse trabalho ações que possam promover nos alunos um interesse em aprender mais.

2. APRESENTAÇÃO GERAL DA ESCOLA

A Escola Municipal Rui da Costa Val localiza-se no bairro Conjunto Felicidade, região Norte de Belo Horizonte. Trata-se de um bairro pobre com um dos menores índices de desenvolvimento humano da cidade.

A escola funciona em três turnos; manhã e tarde com 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino Fundamental e a noite com Educação de Jovens e Adultos. A região é carente de infraestrutura, de escolas de Educação Infantil, de áreas de lazer e de trabalho. Grande parte das famílias é sustentada por mulheres que precisam se ausentar de casa o dia todo para trabalharem. Muitos jovens, pais e mães de família, estão desempregados. No bairro, os assassinatos por motivo de envolvimento com o tráfico de drogas são frequentes, causando medo e insegurança nos moradores e por consequência nos alunos também.

Diante desse cenário, é comum ouvir do coletivo de professores da escola explicações sobre o fracasso escolar dos alunos associados, a não participação da família e ao contexto sócioeconômico. São usadas falas como as que se seguem entre o coletivo da escola:

Essas crianças não aprendem porque faltam, comida, higiene, e uma família estruturada; A maioria de nossos alunos não tem ajuda em casa, não fazem o para casa, não tem quem leia pra eles, assim fica difícil alfabetizá-los; Os pais estão esquecendo que são os maiores responsáveis pela educação dos filhos e estão deixando toda a responsabilidade para nós, professores.

Alguns professores demonstram muita desmotivação para o trabalho por considerarem que, sem o envolvimento da comunidade, qualquer projeto ou tentativa de melhora na qualidade do ensino, se torna inviável. Vale ressaltar que, como professora alfabetizadora, tenho encontrado muitas dificuldades no processo de alfabetização das crianças. Percebo que há, sem dúvida, influência da família e do contexto social nesse processo, no entanto, acredito que existam vários outros fatores que contribuam para o fracasso escolar dos alunos e atribuir toda a

responsabilidade ao aluno e ao contexto social é, no mínimo, negar todas as teorias e reflexões que tenho vivenciado em meu processo de formação.

3. JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA

A partir do contexto escolar anteriormente exposto, foi que escolhi o tema voltado aos problemas da alfabetização dos alunos do 1º ano do 2º ciclo. Este projeto de ação surgiu da necessidade de tentar resgatar nesses alunos, com tantos anos de fracasso e esquecimento pela escola, a vontade de aprender e de saber que isso é possível.

Alfabetização envolve desde a aprendizagem das relações fonemas-grafemas até as relações entre texto oral e texto escrito e a aprendizagem das particularidades do texto escrito bem como sua interpretação. Ela não pode ser entendida apenas como um aspecto mecânico, pois a apropriação da leitura e da escrita não se restringe apenas às habilidades de codificação e decodificação dos símbolos, embora esse tenha sido o modelo adotado durante muitos anos.

Por vários momentos, reflito sobre minha prática:

Por que uso de várias estratégias e meus alunos não aprendem? Será que estou trabalhando da maneira correta? Porque eles parecem tão apáticos e não consigo tocá-los e desperta neles o interesse em ler e escrever? Estou usando as metodologias corretas ou simplesmente repetindo atividades e técnicas?.

Em meio a tantos questionamentos, ainda estou em busca de respostas. E, nesse caminho, já posso perceber que muitas questões que me incomodam relacionadas à aprendizagem fogem do meu controle e da minha vontade como professora de querer que meus alunos aprendam e que existem outros aspectos que possam contribuir para o desafio de oferecer e garantir um ensino de qualidade.

A Neurociência dá uma grande contribuição científica nesse sentido, pois como afirma ALMEIDA [et al] (2011):

Não é possível mais se dedicar apenas à pedagogia para resolver os problemas de sala de aula, pois o cérebro da criança em idade de educação infantil muito recebeu da neurociência, e, por isso, é que devemos repensar nossas ações, a partir dessa nova informação do campo do saber (p.24).

Pensando nesse aspecto, procurei saber sobre a trajetória escolar desses alunos na nossa unidade escolar e pude perceber que possuem um histórico de fracassos e defasagens desde o primeiro ciclo, constatados através de relatórios de professores, porém não havia nenhum registro sobre encontros e conversas com os pais.

Notei também que o grupo de professores desconhece esse assunto, portanto torna-se urgente que temas relacionados à neurociência sejam incluídos no currículo de formação de professores a fim de que o educador saiba como funciona o cérebro do seu aluno, podendo, assim, fazer intervenções e encaminhamentos, se forem necessários.

COSENZA (2011) nos confirma isso ao dizer que

Ao conhecer o funcionamento do sistema nervoso, os profissionais da educação podem desenvolver melhor seu trabalho, fundamentar e melhorar sua prática diária, com reflexos no desempenho e na evolução dos alunos (p.145).

Mas, também, não se pode esperar que as neurociências venham “fazer milagres” no que diz respeito à aprendizagem. Nesse ponto:

As neurociências não propõem uma nova pedagogia e nem prometem solução para as dificuldades da aprendizagem, mas ajudam a fundamentar a prática que já se realiza com sucesso e orientam ideias para intervenções, demonstrando que estratégias de ensino que respeitam a forma como o cérebro funciona tendem a ser mais eficientes (COSENZA, 2011, p.146).

Mesmo após todas as considerações feitas até aqui, esse plano de ação não terá o foco no aspecto da Neurociência, o que poderá ser feito em outra época, segundo a demanda do grupo de alunos e a real necessidade com base em uma avaliação conjunta dos professores, coordenação, direção e pais.

O foco principal será sobre um grupo de alunos que, durante sua trajetória escolar, simplesmente foi avançando sem que pais e escola tivessem um olhar diferenciado para suas dificuldades; considero ser importante realizar o plano de ação pedagógica nessa escola e com esses alunos que apresentam, no início do 2º ciclo, muitas defasagens sendo necessária uma atenção especial para com eles a fim de articular os processos de alfabetização e letramento.

Devido à diversidade do grupo em questão e das múltiplas defasagens apresentadas, surgem as dúvidas de quais práticas letradas utilizar com os alunos em sala de aula.

Segundo RANGEL (2010):

Trabalhar os letramentos na escola, letrar, consiste em criar eventos

(atividades de leitura e escrita – leitura e produção de textos, de mapas, por exemplo – ou que envolvam o trato prévio com textos escritos, como é o caso de telejornais, seminários e apresentações teatrais) que possam integrar os alunos a práticas de leitura e escrita socialmente relevantes que estes alunos ainda não dominam (p.27).

Entendendo a complexidade que envolve o tema alfabetização e letramento, os diversos gêneros textuais existentes e as defasagens apresentadas por esses alunos, farei o recorte para a questão central: algumas práticas de escrita que podem contribuir efetivamente para A alfabetização desse grupo.

Essa metodologia vai exigir um certo conhecimento das práticas de alfabetização teórico-metodológico para que as mediações necessárias com o grupo de trabalho tenham efeito. Nosso aluno possui quase que um dialeto próprio, mas, mesmo assim, pode alfabetizar-se sem necessariamente ter que mudar o seu jeito de falar.

Ensinar a norma culta deve ser uma preocupação da escola, mas esse não pode ser seu único objetivo. Faz-se necessário também que se pense que nossa língua é composta de inúmeros dialetos, que apresentam semelhanças e diferenças.

CAGLIARI nos aponta essas semelhanças e diferenças dizendo que

Há, porém diferenças que representam a fala de pessoas pobres, que não usam a norma culta da língua, e que são, pois, interpretadas de maneira preconceituosa pela sociedade como um modo errado de falar. Exemplos: drento, drobar etc...(1998, p.83)

Portanto, nós, professores, envolvidos nesse processo, deveremos ter clareza do público a que atendemos, de quais são suas reais necessidades. Contudo não devemos deixar que a língua seja banalizada.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Diagnosticar as dificuldades de aprendizagem dos alunos do 1º ano do 2º ciclo em alfabetização e através de atividades direcionadas, garantir situações de aprendizagem efetiva com relação ao sistema de escrita.

4.2 Objetivos Específicos

- Identificar e tentar sanar as dificuldades de escrita apresentadas pelos alunos.
- Propor estratégias que possibilitem o desenvolvimento da habilidade da escrita.
- Desenvolver atividades em que o aluno possa emitir sua opinião sobre um texto e perceber sua ideia principal.
- Possibilitar uma reflexão do aluno sobre o “que ele escreve”, “como se escreve” e “para quem escreve”, visando ao desenvolvimento da habilidade da escrita.

5. PERFIL DA TURMA

O plano de ação pedagógica foi desenvolvido com 10 alunos da 1ª etapa do 2º ciclo da Escola Municipal Rui da Costa Val, com idade entre 10 e 12 anos.

Esses alunos já foram retidos em 2010 por falta de aproveitamento e, em 2011, também não tiveram um rendimento satisfatório, mas foram avançados para o 2º ciclo com a proposta de ser uma turma que requer atenção especial e uma didática diferenciada, visto que ainda não desenvolveram as capacidades e habilidades necessárias a essa etapa do ciclo.

Os alunos envolvidos nesse trabalho fizeram no início do ano de 2012 uma atividade diagnóstica e a partir dela e de relatórios feitos por professoras anteriores, começaram a frequentar o PIP (Projeto de Intervenção Pedagógica) em Língua Portuguesa. Esse grupo de alunos apresenta um histórico escolar de fracasso, com retenções e várias dificuldades observadas no 1º ciclo, em que as capacidades e habilidades necessárias para o final do ciclo ainda não foram alcançadas, bem como a autonomia e a apropriação do sistema de escrita.

6. METODOLOGIA

O projeto de ação iniciou-se com a tentativa de verificar quais eram as dificuldades apresentadas pelos alunos em questão, no que diz respeito à alfabetização. Nesse momento, a avaliação diagnóstica foi o ponto de partida para o professor saber como agir e em que ponto os alunos se encontravam, bem como também serviu para o planejamento de ações e intervenções no sentido de se alcançarem os objetivos propostos no início do projeto.

Um dos cadernos, publicação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) em parceria com a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, com o objetivo de auxiliar as escolas das redes públicas de Minas Gerais na organização do Ciclo inicial de alfabetização no Ensino Fundamental de 9 anos, esclarece que

A avaliação diagnóstica é o ponto de partida do trabalho pedagógico, sobretudo é o ponto de partida de um trabalho pedagógico autônomo, em que o professor controla o que ensina, o para que ensina o como ensina...sabendo o que os alunos já sabem, tem uma referência segura para elaborar seu planejamento e estabelecer metas a serem atingidas, selecionar e criar atividades e estabelecer formas de trabalho adequadas (p.8 – 9).

Foi com base nessa perspectiva que a atividade diagnóstica realizada cobrou do aluno: interpretação de textos, escrita correta das palavras em uma frase com espaçamento, interpretação de tirinhas, ditado, leitura e interpretação de cartaz e convite.

Fizemos também a leitura e interpretação do livro “O homem que amava caixas” de Stephen Michael King, em que o objetivo principal da atividade foi ressaltar o espaçamento entre palavras e a importância dos valores para nossa convivência diária. Os alunos receberam um jogo que consiste em uma caixa com várias palavras para montar frases e perceber que a escrita não é contínua como a fala e que existem espaços entre as palavras quando elas são escritas.

Já o ditado lacunado proporcionou ao aluno que ele escrevesse, pensando na grafia correta das palavras e que, posteriormente, pudesse corrigir as palavras que, porventura, estivessem grafadas erradas.

A confecção de um convite (texto coletivo) surgiu devido à necessidade de se convidar alguém para assistir ao teatro realizado, e foi aproveitado, aqui, para se trabalhar um portador de texto, que neste momento estava contextualizado com a real necessidade dos alunos.

7. DESENVOLVIMENTO

A avaliação diagnóstica foi realizada no fim de fevereiro de 2012, e constatou-se que o grupo de alunos que farão parte deste projeto:

- não reconhecem todas as letras do alfabeto em suas diversas formas;
- escrevem com segmentação sem dar espaços entre as palavras;
- não reconhecem rimas;
- escrevem palavras de sílabas complexas, com muita dificuldade;
- conhecem alguns gêneros textuais, mas não se apropriaram de sua utilidade na sociedade;
- apresentam grande resistência e dificuldade para produzir um texto escrito.

Foi pensando nas estratégias para sanar algumas das dificuldades listadas acima e retomar o processo de alfabetização em que se encontram que, ao trabalhar com esse grupo, fez-se importante levar em conta além do código específico da escrita, a cultura e o ambiente letrado em que os alunos se encontram.

Quanto à produção escrita, o caderno do CEALE vem nos dizer que

A produção escrita é concebida aqui como ação deliberada da criança com vistas a realizar determinado objetivo, num determinado contexto. A escrita na escola, assim como nas práticas sociais fora da escola, deve servir a algum objetivo, ter alguma função e dirigir-se a algum leitor (p. 73).

É importante que o aluno perceba que, quando escrevemos, podemos ter prazer, lembrar, aprender, nos informarmos, comunicarmos, expressarmos e outras coisas mais. Embora muitos afirmem ter alguns livros de literatura em casa, é na escola que essa prática de leitura com prazer deve ser desenvolvida e incentivada.

Seguem algumas estratégias que foram desenvolvidas para alcançar os objetivos propostos no início do projeto.

1ª estratégia: ditado lacunado, cujo objetivo maior é a escrita correta das palavras.

Essa atividade visa trabalhar um texto primeiramente no oral, pois acredito que é também objetivo do ensino da Língua Portuguesa, desenvolver a competência de comunicação, mas, em seguida será cobrada também a ortografia.

Primeiramente fiz a leitura do seguinte texto.

A bicharada

Chove na floresta. Ploc...ploc...ploc..

Bichos miúdos fogem à procura de um abrigo seguro.

Uma joaninha se refugia debaixo de uma grande folha.

A centopeia, correndo com as suas perninhas ligeiras desaparece num buracinho com enorme habilidade.

Gotas grudadas numa teia fazem Dona Aranha reclamar nervosa:

- Que chuva fora de hora!

De repente um pingo enorme cai: plaft e todos ficam mais assustados ainda.

Fizemos uma interpretação oral, quando percebi que, nessa etapa, os alunos ficaram entusiasmados em dar sua opinião e participar das respostas, e, em seguida, disseram não conhecer o significado das seguintes palavras: miúdos, refugia, habilidade, abrigo, ligeiras.

Após serem questionados sobre como faríamos para descobrir o que significavam, eles mesmos disseram que podíamos olhar no dicionário.

Distribui, então, um dicionário para cada aluno, mas, antes de procurar as palavras que queríamos, exploramos uma página aleatória e fomos descobrindo várias coisas, descritas nas falas dos alunos:

olha, essa página é colorida. Aqui no meu tem um desenho, será que o nome desse desenho está nessa página? Professora, por que tem essa palavrinha aqui no alto? Nossa, tem palavras demais nesse livro. Eu sei achar palavras aqui, tem que seguir uma ordem.

Ao incentivar o uso do dicionário para encontrarem o significado das palavras, a minha preocupação era a de também ampliar o vocabulário dos alunos, aumentando sua competência comunicativa.

Sanadas as curiosidades que surgiram, procuramos, então, o significado das palavras desconhecidas do texto, registramos no caderno e também no mural de curiosidades da sala de aula.

Vale salientar que tal atividade foi realizada em dupla e, mesmo assim, com grande demora, pois eles não sabiam como procurar as palavras no dicionário; embora se lembrassem, por exemplo, que alguma professora já lhes disse que, as palavras veem organizadas em ordem alfabética. Foi muito usado nesse momento o alfabeto pregado na sala com a sequência das letras, no qual os alunos se apoiaram para relembrar a ordem das letras. CAGLIARI diz que “deve haver um cartaz bem grande na sala de aula, para que os alunos possam consultar sempre que desejarem” (1998,p.137).

Encontradas as palavras, formamos frases coletivas empregando o significado delas, que foram escritas no quadro e copiadas no caderno.

Embora, com toda a dificuldade apresentada inicialmente, os alunos se mostraram empolgados para realizar a atividade e concluímos que o uso do dicionário deve fazer parte do nosso cotidiano. Sempre que possível, devemos usá-lo e assim aprimorar nossa escrita e também conhecer palavras novas, e, como afirma CAGLIARI, “ter dúvidas ortográficas é muito natural e comum.....toda sala de aula deveria ter um dicionário e todos os alunos deveriam ter acesso a ele em todas as aulas, quando tivessem de escrever” (1998,p.357).

Ainda fazendo parte dessa atividade da história contada, os alunos receberam uma folha a qual deveriam preencher com palavras do texto que seriam ditadas pela professora.

Nesse momento, houve muitos questionamentos por parte dos alunos sobre:


Como se escreve tal palavra, se já era pra mudar de linha e como que era o ponto que eu estava falando (exclamação).

Disse-lhes que, naquele momento, seria para escrever como estavam pensando que fosse a grafia das palavras.

ESCOLA MUNICIPAL RUI DA COSTA VAL

DITADO AVALIATIVO

NOME: _____ CONCEITO: _____ NOTA: _____
PROFESSORA: _____ SALA: _____ DATA: _____



TÍTULO: Um bicho na floresta

1º - Chove na floresta na na na

2º - Bichos minúsculos fogem à procura de um abrigo seguro.

3º - Uma joaninha se refugia debaixo de uma grande folha

4º - A notarica correndo com as suas perninhas lige desaparece num paraquema com enorme abilidadi

5º - Gotas quedas numa teia fazem dona Aranha regarria nervosa. ?

6º - ? Que chova fora de hora. ?

7º - Aranha um pingo enorme cai. parati ?

Correção:

1 - Escrita das palavras

2 - Acompanhamento seqüencial do ditado

3 - Pontuação

Ao corrigir o ditado, percebi que o aluno escreveu a palavra “habilidade” focado na linguagem oral: abilidadi; não reconheceu o som “fl” em floresta, e continuou com erros em praticamente todas as palavras.

Segundo CAGLIARI


Interpretar erros de ortografia, por exemplo, como distúrbios da fala, como problema emocional do aluno ou de sua família, como problema neurológico ou como uma doença psicológica é fugir das verdadeiras causas, é enganar o aluno e a si mesmo. Erro de ortografia relaciona-se com as hipóteses que o aluno levanta sobre a escrita, apenas isso (1998, p.246).

E por concordar com o autor é que fizemos um outro tipo de correção para que percebessem uma mesma palavra escrita de formas diferentes e optassem pela que apresentasse a grafia correta. Fiz um levantamento das palavras mais escritas por eles no ditado e reformulei a atividade, colocando o banco de palavras no fim da folha, para ser consultado. Primeiramente, a atividade foi realizada em dupla, quando receberam somente uma folha e preencheram o quadro com a palavra que a dupla escolhesse. Percebi que, mesmo com as palavras para consulta, sentiram dificuldades.

Foram muitas as perguntas e dúvidas quanto a escrita e quase sempre não chegavam à uma conclusão sobre qual palavra escrever, então após muita confusão, decidi dar uma folha para que cada um escrevesse uma resposta individual.

CORREÇÃO DO DITADO

NOME: _____ DATA: ____/____/____



TÍTULO: _____

1º - Chove na floresta plor alegras

2º - Bichos gosta fogem à procura de um ligeras seguro.

3º - Uma joaninha se minhudo debaixo de uma grande refugia

4º - A centopéia correndo com as suas perninhas desaparece num _____ com enorme _____

5º - Gotas _____ numa teia fazem dona Aranha nervosa

6º - Que fora de hora

7º - _____, um pingo enorme cai.

Leia atentamente alguns dos registros escritos, de uma mesma palavra, realizados por alguns alunos da sala 02. Apenas um registro está correto. Destaque-o e escreva-o na lacuna:

1	forresta	fhoresta	
2	plor	 	Ploqui
3	milúdos	múdos	
4	abrigo	 	abrico
5	refujia	refozia	
6	folia	 	fulha
7	centopéia	semtopéia	
8	ligeras	 	ligeiras
9	buraquio	buraquinho	boraquinho
10	habilidade	abilidade	abilidadadi
11	grudadas	gudas	grutatas
12	rechamar	reclamar	reclana
13	derepeinte	direpeti	De repente
14	plafi	plafidi	Plafiti

Preenchida a folha, fizemos uma breve discussão sobre o porquê de a atividade em dupla não der dado certo e nas palavras dos alunos:

Ah, professora, eu acho que se escreve de um jeito e o colega de outro.

Eu não queria errar de novo, mas meu colega não me ajuda.

Ele não sabe nada e não me ajudou.

Conversamos sobre o ocorrido e chegamos à conclusão de que naquele momento, um precisaria confiar no outro; eles podiam até discutir, mas chegar a um consenso era importante para a atividade.

Fizemos uma correção coletiva, com reescrita do texto no quadro e cópia no caderno, quando os alunos se manifestaram sobre a escrita das palavras.

Nesse momento, não dei a resposta correta, mas formulei perguntas com o objetivo de animar o grupo e deixar que os alunos tirassem suas próprias conclusões. É importante que a discussão entre eles seja instrutiva, em que haja raciocínio, reflexão e aprendizagem compartilhada pelo grupo.

Na palavra floresta, por exemplo, fomos olhando as três opções, analisando a escrita e chegaram nas seguintes reflexões:

1ª opção: forresta –

Eu posso escrever palavras com RR?

- Sim.

- Mas como pronunciamos as palavras quando elas são escritas com RR? Vamos tentar ler e descobrir?

Eles leram e perceberam que ali não cabe RR, pois não é essa a palavra desejada.

2ª opção: fhoresta

Antes mesmo que eu fizesse alguma intervenção, um aluno disse que *“não se pode escrever daquele jeito com H perto do F, porque não faz som nenhum.”*

Perguntei se todos concordavam com o argumento do colega e como disseram que sim, reforcei a hipótese do aluno e passamos para a questão seguinte.

3ª opção: floresta

Perceberam que era a última palavra e um aluno disse:

- *Só pode ser essa, só sobrou ela.*

- *É, mas e se a professora fez “pegadinha” e não colocou a palavra certa? A gente tem que ler pra ver.”*

Concordei e então fomos verificar a palavras. Perguntei:

- *Quantas sílabas ela tem ? Contaram no dedo e me responderam:*

- *Três.*

- *Vamos então pensar na escrita de cada sílaba para assim formar a palavra.*

- *FLO, como se escreve?*

- *f.l.o*

- *E RES?*

- *r.e*

- *Não, professora, falta uma letra no final que você disse, repete ai essa sílaba pra ver.*

- *RES*

- *É o s, falta o s.*

- *TA*

- *É fácil, TA é t com a.*

- *Assim formamos a palavras: FLORESTA.*

Foi um momento de grande euforia, pois todo mundo queria provar que tinha razão, que ia acertar, pois aquela era a palavra escolhida por eles.

Assim, fomos fazendo a análise de todas as palavras, e descobrimos, em grupo, sobre como escrever essas palavras.

É importante fazer a análise dos erros cometidos e ajudar o aluno a superar e progredir na aprendizagem, e CAGLIARI diz que

Tão importante quanto aprender a escrever é aprender a corrigir o que se escreve. A correção feita pelo professor deve ser sempre acidental e ocasional. O importante é a correção que o próprio aluno faz dos seus trabalhos (1998 p.184).

Nessa atividade coletiva, percebi nos alunos uma segurança maior para opinar na escrita das palavras, pois aqui foram levados a pensar e a concordar ou discordar do outro para que chegássemos a uma conclusão.

Após a correção, montamos três grupos de palavras escritas com FL, LH e H no início das palavras.

Fizemos leitura das palavras, cópia, separação de sílabas, e as palavras foram digitadas e fixadas no mural da sala para posteriores consultas.

Durante a realização das atividades mencionadas, pude perceber também que os alunos apresentam uma grande dificuldade de relacionamento. São agressivos e revidam com brutalidade a um olhar diferente do colega ou a qualquer comentário feito.

Cabe a nós, professores, trabalhar a disciplina em sala, que não é um lugar qualquer, mostrando ao aluno que seu colega deve ser tratado com respeito e com o qual as interações devem ser sempre de cordialidade.

Tendo em vista a melhora do relacionamento entre eles juntamente com as dificuldades de alfabetização apresentadas, trabalhei o livro: O homem que amava caixas de Stephen Michael King.

Veja a seguir como foi o desenvolvimento:

2ª estratégia: leitura de texto literário, interpretação oral, produção escrita e segmentação de palavras em uma frase.

Livro: O homem que amava caixas

A leitura literária é de grande importância na escola, pois é aqui o lugar onde o aluno tem contato com um grande acervo de livros de ótima qualidade.

MACHADO (2010) nos diz que

A leitura literária, diferentemente da leitura de textos de outras dimensões discursivas, caracteriza-se por uma forma de envolvimento com o texto, que produz conhecimento e prazer, por ser ela uma experiência artística. Não se produz pela leitura literária um conhecimento pragmático, descartável, que possa ser aplicado de imediato. O tipo de conhecimento que ela produz não se esgota numa única leitura, e esse interesse renovado pelo texto literário pode ser explicado por ele ser capaz de nos fazer compreender quem somos e por que vivemos, mesmo que sob a forma de indagações.” (p.126)

Na realização desta atividade, o objetivo foi despertar no aluno esse prazer por ler uma literatura diferente das apresentadas nos livros didáticos, além de abordar temas como valores, amor, respeito.

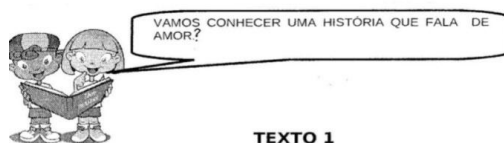
Foi enfatizada também a importância dos combinados para que a aula transcorresse com tranquilidade, a oralidade e a segmentação de palavras na frase.

Fizemos de início a interpretação oral da capa do livro e cada aluno tinha uma cópia xerox preta e branca. Salientei que a parte de trás da capa complementava o desenho da parte da frente, mas propositalmente eu não lhes dei, para que pudesse explorar mais a imaginação e a oralidade.

Observaram durante um tempo e em seguida, fui fazendo perguntas como:

- *O que mais lhe chamou atenção nessa capa?*
- *Quantas pessoas aparecem aí?*
- *Qual é o sexo dessas pessoas? (ficaram confusos e tive de explicar o que significava, nesse caso a palavra "sexo").*
- *O que o adulto está fazendo?*
- *E a criança?*
- *Quem está perto da criança?*
- *Onde eles estão?*
- *O que mais vocês percebem nessa capa?*

ESCOLA MUNICIPAL RUI DA COSTA VAL



TEXTO 1



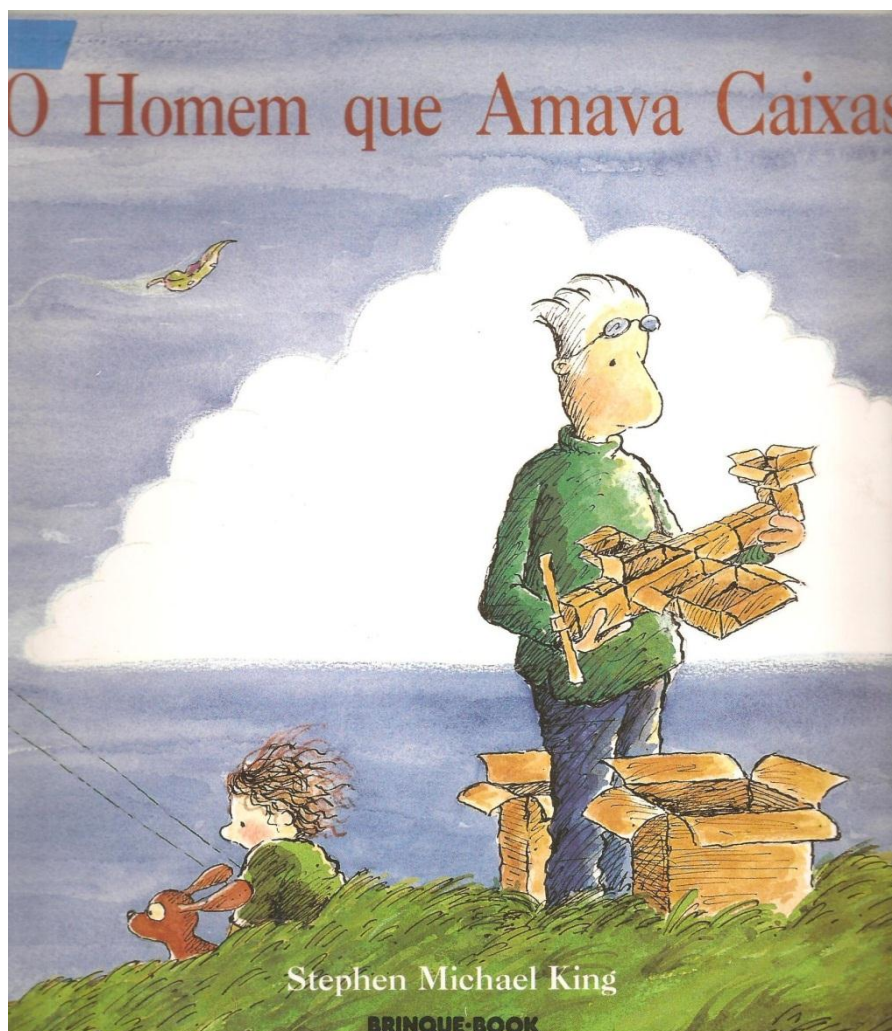
CONVERSE COM SEUS(SUAS) COLEGAS E RESPONDA ORALMENTE ÀS QUESTÕES A SEGUIR.

- O QUE VOCÊ VÊ NESSA IMAGEM?
- DE ONDE ELA PODE TER SIDO RETIRADA?
- O QUE ESTÁ ESCRITO JUNTO À IMAGEM?
- VOCÊ ACHA QUE O TEXTO E A IMAGEM COMBINAM? POR QUÊ?
- QUEM SERÁ O MENINO QUE APARECE JUNTO AO HOMEM?
- PRA VOCÊ, É COMUM ALGUÉM AMAR CAIXAS? POR QUÊ?

Passamos para o registro, no quadro, das respostas dadas pelos alunos às perguntas direcionadas. Surgiram respostas muito interessantes como:

É uma menina, tem um pássaro voando, o vovô construiu um avião de madeira pro seu neto, eles estão no alto da montanha, está fazendo frio, tem um coelho sentado.

Em seguida, coleí, então, no quadro, uma cópia xerox ampliada da capa do livro, idêntica a deles, porém, colorida. Houve uns ruídos, pois alguns alunos perceberam algumas mudanças de acordo com as respostas dadas.



É importante, nesse momento, que o aluno perceba que a interpretação pode ser muitas vezes pessoal, mas sem sair do contexto, pois a interpretação pode não ser exatamente o que conta a história.

Conversamos novamente, chegamos a algumas conclusões e após o registro no quadro e esgotados todos o argumentos, passei para a parte seguinte:

- Realizei a leitura do livro “O homem que amava caixas”;
- Fizemos a verificação oral das respostas de acordo com o texto lido;
- Explorei, nesse momento, a questão das diferenças, do respeito ao próximo, da compreensão e de outros valores que foram surgindo, aproveitando também as respostas para fazer uma lista dos combinados, feita da seguinte forma: os alunos falavam e eu escrevia no quadro sobre o que “vale” e o que “não vale” para nossas aulas e para a melhor convivência não só na Escola, mas em nossa vida cotidiana. Essa atividade foi de grande importância, pois quando os próprios alunos constroem, as regras, elas passam a ser validadas por eles.

Pedi que cada um me ajudasse em como escrever tal palavra e se ele não soubesse, todos poderiam contribuir, sugerindo letras, etc.. .As palavras foram anotadas por mim, posteriormente digitadas e colocadas no mural da sala para fazer parte da nossa convivência diária.



Estabelecidos os combinados, passamos para a parte prática, que seria a escrita propriamente dita observando o espaço entre as palavras.

O objetivo desta atividade era que o aluno percebesse, através da escrita, onde se localizava uma certa palavra pedida pela professora e que também observasse, na escrita de uma frase, o espaçamento correto entre as palavras.(Anexo 1).

O aluno foi levado a refletir sobre o que escreve, pensando na melhor maneira de ler uma frase. Essa atividade foi realizada com segurança e sem muitos questionamentos e percebi também que os alunos começavam a se interessar mais pela escrita, dando opiniões, sugestões, concordando com o colega ou discordando dele, o que significou um avanço no processo.

Nessa próxima etapa, eles deveriam pensar nas palavras que receberam e encaixá-las no lugar correto de acordo com o tamanho do retângulo recebido. (Anexo 2).

Gradativamente, os alunos foram demonstrando segurança para escrever, não dependendo tanto da professora e do auxílio do colega, o que pôde ser percebido também na atividade do Anexo 3.

Para o encerramento de atividades com o livro de literatura, estabelecemos que faríamos um teatro e combinamos que a apresentação seria realizada no dia seguinte. Quando estávamos confeccionando os personagens um aluno sugeriu que chamássemos outra professora para assistir ao teatro.

Eu perguntei, então, sobre como poderíamos fazer para que ela soubesse do teatro, e imediatamente o mesmo aluno falou que era para mandar um convite. Todos concordaram com a ideia.

CAGLIARI diz que

Na alfabetização, a prática da produção de textos tem como objetivo ensinar os alunos a passar seus conhecimentos sobre a linguagem oral para a forma escrita. Numa segunda etapa, se cuidará para que o aluno aprenda a produzir textos de todos os tipos, conforme as exigências culturais e escolares (1998, p. 212).

Foi o suficiente para que eu pudesse trabalhar com eles esse gênero textual, pois tenho clareza de que estudar um gênero distinto requer uma metodologia também distinta e MARCUSCHI (2010) esclarece que

Mais do que levar o aluno a compreender os aspectos formais que organizam os diversos gêneros textuais, é fundamental leva-lo a refletir sobre as práticas sociais em que os gêneros se inserem e os discursos e temas que neles circulam. Assim, outro cuidado que precisa ser levado em consideração na atividade de produção textual é quanto ao assunto que deseja ser elaborado, que deve estar em sintonia com a prática social focalizada, com o gênero textual estudado e com a faixa etária do aluno.

(p.79)

Pensando por esse aspecto, é que foi apresentado aos alunos, diversos convites relacionados a aniversário, casamento, chá de bebê e chá de panela.

Os convites foram manuseados e, em conversa com o grupo, pude perceber por meio das falas, que receber convites não é uma prática muito comum entre os alunos e suas famílias e que geralmente são convidados para esses tipos de festa, o convite é feito “de boca”.

Disseram também que na escola todo ano há convite para a festa junina e festa da família (são as festas para as quais geralmente a comunidade é convidada a participar).

Na realização deste trabalho, chamou-me a atenção o interesse dos alunos e a motivação para construir o convite. Produzimos o texto coletivamente e notei grande participação do grupo.

Com relação à produção de textos, CAGLIARI diz que “as atividades de produção de texto propriamente ditas devem ser feitas sempre com possíveis leitores em mente. Isso se consegue redigindo textos para finalidades específicas.” (1998, p.213).

E, como os alunos já estavam com essa necessidade de produzir um texto em que deveriam convidar a professora, foi fácil conduzir o processo para a produção do convite.

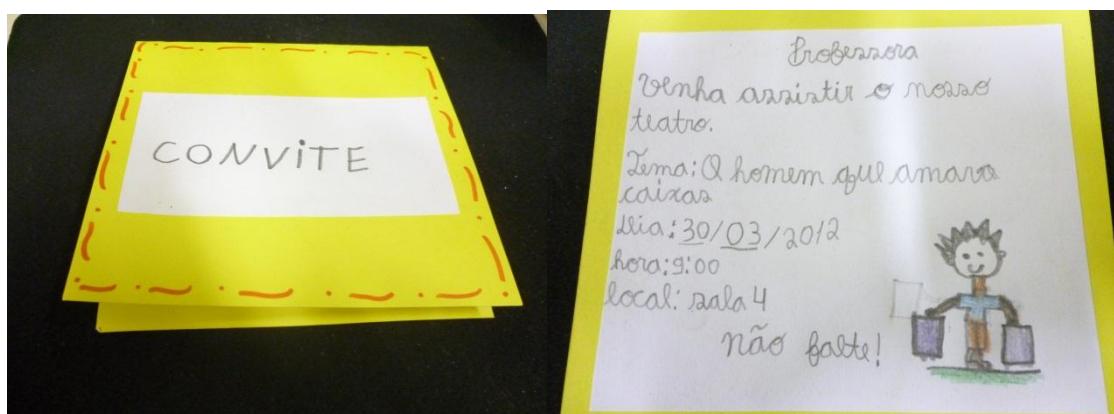
Após o levantamento dos pontos em comum entre os convites manuseados, a finalidade e quais os itens que não poderiam faltar, começamos a produzir o texto

em questão. Surgiram vários pontos que foram sendo trabalhados, como o tipo de linguagem que seria usada, se poderíamos escrever tal qual falamos, a precisão dos dados no texto no sentido de informação, a pontuação e a ortografia.

Resolvemos fazer um convite em grupo, para o qual todos dariam sua contribuição. Pude perceber, aqui, o quanto os alunos sentem necessidade de se apoiar uns nos outros e que evitam, ao máximo, atividades de escrita sem ajuda.

A atividade foi dirigida, mas com incentivo de que os alunos opinassem sempre na construção do convite, e MARCUSCHI esclarece que "...é fundamental que sejam levados a refletir sobre as estratégias linguísticas que se apresentam como relevantes na escritura do texto "(2010, p.79).

Após discussões em torno do convite em si, o texto final produzido pelos alunos ficou assim:



Ficou combinado com o grupo que posteriormente cada um iria elaborar um convite para chamar um colega para uma brincadeira no recreio ou na praça.

Personagens prontos, convite enviado, o passo seguinte foi a apresentação do teatro. Os personagens eram de fantoches de palito e usamos uma janela de madeira que sempre serve de cenário para as encenações da escola. Separamos os personagens, fizemos um breve ensaio e convidamos a professora que eles queriam. Foi uma encenação rápida, porém de grande importância, que pôde contar com improvisação do cenário e de algumas falas dos personagens. Os alunos demonstraram grande prazer na realização dessa parte da atividade, embora alguns conflitos tenham surgido, precisando da intervenção da professora. Relataram

também que o convite que foi feito para a professora está “pregado” no mural da sala. Com essa fala dos alunos, pude perceber que eles se sentiram “importantes por produzirem algo que pode até ser exposto para que outros vejam”.

Os alunos gostaram muito dessa prática teatral e queriam apresentar para outras salas, o que ficou de ser combinado entre a coordenação e os professores envolvidos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse plano de ação pedagógica surgiu exatamente da necessidade de pensar uma ação que possibilitasse conhecer melhor meu aluno, suas necessidades e cultura, para, então, intervir e promover um ensino significativo, sem simplesmente ficar apontando erros, mas trabalhando na reflexão destes para que houvesse uma mudança de postura dos alunos com relação ao seu aprendizado.

Há muitos anos esses alunos apresentam um histórico de fracasso escolar, ficando sempre à margem na escola, porém, compreender os fenômenos que contribuem para isso, é algo muito complexo.

Mas foi justamente pensando nesse aluno que vem fracassando nessas provas, tanto internas quanto externas, hoje matriculados na 1ª etapa do 2º ciclo, mas, que ainda não escreve e não lê, que este trabalho foi realizado.

É necessário proporcionar a esse estudante, tão à margem da escola, atividades que o ajudem a produzir, pensar, questionar, querer aprender e progredir cada vez mais independentemente do contexto social no qual estão inseridos.

Foi uma tarefa fácil? Claro que não.

Mas, a partir das leituras feitas para a realização deste projeto, percebi que explicar a situação de falta de êxito escolar dos alunos como sendo responsabilidade somente da família ou do contexto social não é mais aceitável. Vários estudos e pesquisas apontam para a necessidade de pensar o fracasso para além dessas questões.

Porém, o discurso que parece fundamentar a opinião de grande parte dos educadores da escola, em que foi realizado o projeto, relaciona-se a deficiência cultural, ao déficit linguístico atribuído à pobreza do contexto linguístico no qual a criança convive, sendo estes os principais responsáveis pelo insucesso ou fracasso de tantas crianças.

É nítida a urgência da modificação das condições de ensino brasileiras, sobretudo quanto à alfabetização das crianças das camadas populares em que a apropriação da leitura e da escrita não pode mais ser restrita à simplesmente codificar e decodificar os símbolos gráficos. Hoje, percebe-se, que o foco dos estudiosos não é somente a metodologia, mas, sim, todo o processo de aprendizagem.

A realização deste projeto, evidentemente, não foi o suficiente para sanar as dificuldades apresentadas há tanto tempo pelos alunos e acumuladas ano após ano. Mas, certamente serviu para chamar a atenção da escola a fim de que se conscientize do seu papel nos dias de hoje, podendo assim intervir junto a esse aluno o mais cedo possível; pois só assim e com outras intervenções é que poderemos tirar esse nosso aluno da estatística tão grande de alunos fracassados.

Percebi também que nem sempre é fácil passar da teoria dos livros e pesquisas para a efetiva prática em sala de aula, mas o que ficou claro é que o trabalho voltado para o letramento não deve ser separado do trabalho específico de alfabetização, e que é preciso investir nos dois ao mesmo tempo.

E, por último, mas não menos importante, é a real necessidade que o professor desses alunos faça uma análise, uma reflexão crítica e consciente sobre a verdadeira realidade na qual seu aluno está inserido e quais são realmente suas necessidades e interesses, buscando refletir sobre a teoria e a prática, juntamente com uma avaliação e um planejamento de sua ação diária.

9. REFERÊNCIAS

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Organização da alfabetização no ensino fundamental de 9 anos – Coleção Instrumentos de alfabetização;1. Belo Horizonte :Ceale/FaE/UFMG, 2005.

BATISTA , Antônio Augusto Gomes [et al.]. Capacidades da alfabetização. Coleção Instrumentos de alfabetização; 2. Belo Horizonte :Ceale/FaE/UFMG, 2005.

BATISTA , Antônio Augusto Gomes [et al.]. Avaliação diagnóstica da alfabetização. Coleção Instrumentos de alfabetização; 3. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris, SOUZA, Maria Alice Fernandes de. Falar , ler e escrever em sala de aula: do período pós-alfabetização ao 5º ano. São Paulo : Parábola Editorial, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos,Alfabetizando sem o bá, bé, bi, bó, bú. Pensamentos e ações no magistério. São Paulo : Scipione, 1998

CORDIÉ,Anny. Os atrasados não existem:Psicanálise de crianças com fracasso escolar. Tradução: Sônia Flach e Marta D'Argord. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

COSENZA, Ramon M., GUERRA, Leonor B., Neurociência e educação : como o cérebro aprende. Porto Alegre :Artemed , 2011.

CURTO, Lluís MARUNY,MORILLO, Maribel Ministrál, TEIXIDÓ, Manuel Miralles; trad. Ernani Rosa. Escrever e ler, Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e ler. Porto Alegre: Artemed, 2000.

GUTFREIND, Celso [et al]. Transtornos e dificuldades de aprendizagem: Como lidar em sala de aula? Belo Horizonte: Conexa, 2011

KATO, Mary A., No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo : Ática, 1995.

KRAMER, Sonia. Alfabetização, leitura e escrita : formação de professores em curso. São Paulo : Ática, 2010.

KING, Stephen Michael , AQUINO, Gilda (trad.) , O homem que amava caixas. São Paulo : Brinque-Book, 1997.

RANGEL, Egon de Oliveira, ROJO, Roxane Helena Rodrigues(coord.) Artigos de MARCUSCHI, Beth, MACHADO, Maria Zélia Versiani. Língua Portuguesa : Ensino Fundamental, Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino: v. 19).

_ Redes de aprendizagem : Boas práticas de municípios que garantem o direito de aprender. Brasília , DF : UNICEF, 2008

SOARES, Magda, Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo : Geográfica, 2001.

TEBEROSKY, Ana, TOLCHINSKY, Liliana. (org.) Além da alfabetização. A aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática. São Paulo: Ática, 2003 .

VIEIRA , Martha Lourenço, VAL, Maria das Graças Costa, Produção de textos escritos : caderno do formador – Belo Horizonte : Ceale/FaE/UFMG, 2005.

ANEXO 1

ESCOLA MUNICIPAL RUI DA COSTA VAL

1) OUÇA COM ATENÇÃO A LEITURA QUE A SUA PROFESSORA FARÁ DA FRASE A SEGUIR. FIQUE ATENTO/A PARA A SEQUÊNCIA DAS PALAVRAS:

O HOMEM QUE AMAVA CAIXAS

A) CIRCULE, NA FRASE ANTERIOR, AS PALAVRAS **HOMEM** E **CAIXAS**.

B) O QUE VOCÊ FEZ PARA LOCALIZAR AS PALAVRAS SOLICITADAS? CONTE PARA O/A PROFESSOR/A.

2) AO ESCREVER O TÍTULO DO LIVRO, TIVEMOS UM PROBLEMA NO NOSSO COMPUTADOR. ELE FICOU ASSIM:

OHOMEMQ UEAM AVACAI XAS

A) O QUE HÁ DE ESTRANHO NESSA ESCRITA? DISCUTA ORALMENTE COM SEUS/SUAS COLEGAS.

B) VOCÊ CONSEGUE LER O QUE ESTÁ ESCRITO?

() SIM () NÃO

C) UMA PESSOA QUE ESCRIVE DESSE JEITO SERÁ COMPREENDIDA POR TODOS?

() SIM () NÃO

D) COMO VOCÊ PODERÁ MELHORAR A ESCRITA DESSE TÍTULO? DISCUTA ORALMENTE COM SEUS/SUAS COLEGAS.

D) NA LINHA A SEGUIR, REESCREVA O TÍTULO, FAZENDO AS ALTERAÇÕES NECESSÁRIAS, PARA QUE TODOS POSSAM ENTENDER A MENSAGEM.

ANEXO 2

ESCOLA MUNICIPAL RUI DA COSTA VAL



ESSA EU TIRO DE LETRA!

3) SUA PROFESSORA ENTREGARÁ TRÊS RETÂNGULOS PARA VOCÊ.

RESPONDA:

a) TODOS OS RETÂNGULOS SÃO DO MESMO TAMANHO? _____

b) EM QUAL DELES VOCÊ ESCREVERIA A PALAVRA **HOMEM**? _____

c) E A PALAVRA **QUE**? _____

d) E A PALAVRA **CARINHOSO**? _____

e) PORQUÊ VOCÊ FEZ ESSAS ESCOLHAS? _____

4) PENSE EM UMA FRASE EM QUE ESSAS TRÊS PALAVRAS APAREÇAM.

ESCREVA-A NA LINHA ABAIXO:

5) RELEIA O TEXTO 1 - CAPA DO LIVRO E ESCREVA UMA LISTA COM O NOME DE TUDO QUE VOCÊ VIU. CAPRICHE NA LETRA!

ANEXO 3

VAMOS TRABALHAR ALGUNS VERSOS DO POEMA CAIXINHA MÁGICA DE ROSEANE MURRAY.

1) OUÇA A LEITURA DE CADA VERSO. QUANTAS PALAVRAS VOCÊ IMAGINA TER CADA UM DOS VERSOS?

ESCREVA A RESPOSTA NO QUADRINHO .

Fabricoumacaixamágica

Paraguardaroquenãocabe

emnenhumlugar:

* EM DUPLA, COMPARE AS SUAS RESPOSTAS COM AS DE SEU/SUA COLEGA.
EM QUE PARTE DOS VERSOS, FOI MAIS DIFÍCIL DESCOBRIR AS PALAVRAS?
